



---

## **A educação para a fraternidade nas Escolas Waldorf: um estudo de caso**

Esta pesquisa envolve seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFJF, protocolo n.68089223.0.0000.5147.

Silvinha Pinto Vasconcelos<sup>1</sup>,

Jonas Bach Junior<sup>2</sup>,

Maria Auxiliadora Fontana Baseio<sup>3</sup>

Ruan Pablo Rodrigues<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil\*. <sup>2</sup> Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil. <sup>3</sup> Faculdade Rudolf Steiner, São Paulo, São Paulo, Brasil. <sup>4</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. \*Indicar autor para correspondência. E-mail: [silvinha.vasconcelos@ufjf.br](mailto:silvinha.vasconcelos@ufjf.br).

### **RESUMO**

Este estudo objetivou investigar se a Pedagogia Waldorf favoreceu um comportamento socioeconômico fraterno dos egressos de duas escolas Waldorf brasileiras, de Minas Gerais e de São Paulo. Para tanto, foi feita uma coleta de dados primários com base em um questionário com informações que serviram como proxies de indicadores de fraternidade econômica, em um processo de amostragem por acessibilidade. Os resultados não nos permitiram confirmar a hipótese central, pois a análise descritiva dos dados indicou que possivelmente nesse grupo haja uma distância entre a intenção e a ação social; que a fraternidade desse grupo é fraca para escolhas que envolvem processos coletivos; e que a atuação político-social desse grupo provavelmente compromete a instituição da fraternidade econômica. Mas as estimativas do modelo econométrico indicaram que, no grupo em estudo, há maior probabilidade de as mulheres revelarem um comportamento fraterno.

**Palavras-chave:** Fraternidade econômica, Pedagogia Waldorf, Altruismo

## **Education for fraternity in Waldorf Schools: a case study**

### **ABSTRACT**

The aim of this study was to investigate whether Waldorf Pedagogy fostered fraternal socio-economic behavior among the graduates of two Brazilian Waldorf schools in Minas Gerais and São Paulo. To this aim, primary data was collected using a questionnaire with information that served as proxies for indicators of economic fraternity, in a process of accessibility sampling. The results did not allow us to confirm the central hypothesis, as the descriptive analysis of the data indicated that there may be a gap between social intention and action in this group; that the fraternity of this group is weak when it comes to choices involving collective processes; and that the political and social actions of this group probably compromise the institution of economic fraternity. However, the estimates of the econometric model indicated that, in the group under study, women are more likely to show fraternal behavior.

**Keywords:** Economic fraternity, Waldorf pedagogy, Altruism

## **La educación para la fraternidad en las escuelas Waldorf: un estudio de caso**

### **RESUMEN**

El objetivo de este estudio fue investigar si la pedagogía Waldorf favorecía el comportamiento socioeconómico fraterno entre los egresados de dos escuelas Waldorf brasileñas de Minas Gerais y São Paulo. Para ello, se recogieron datos primarios mediante un cuestionario con informaciones que sirvieron como proxies de indicadores de fraternidad económica, en un proceso de muestreo por accesibilidad. Los resultados no permitieron confirmar la hipótesis central, ya que el análisis descriptivo de los datos indicó que puede existir una brecha entre la intención y la acción social en este grupo; que la fraternidad de este grupo es débil cuando se trata de elecciones que involucran procesos colectivos; y que el comportamiento político y social de este grupo probablemente compromete la institución de la fraternidad económica. Sin embargo, las estimaciones del modelo econométrico indicaron que, en el grupo estudiado, las mujeres son más propensas a mostrar un comportamiento fraternal.

**Palabras clave:** Fraternidad económica, Pedagogía Waldorf, Altruismo

## Introdução

O funcionamento saudável da Economia requer que, no futuro, o egoísmo seja erradicado de seus processos. Para entender essa necessidade, é preciso acessar o seguinte pensamento: com o advento da moderna divisão do trabalho, quanto mais esta divisão progride, menos tempo disponível há para algo ser feito em proveito próprio. A consequência direta disso é que a divisão do trabalho impôs uma dependência do trabalho do outro e uma especialização do trabalho que, em um primeiro momento, foi exogenamente determinada. Ou seja, a divisão de trabalho, desde seu surgimento até os dias atuais, tem sido fruto de mudanças, como as tecnológicas, que, no mínimo, revolucionam a capacidade produtiva, a funcionalidade da mão de obra, a organização dos mercados e o nível dos preços. Mas, no limite, a especialização deverá requerer uma transformação no pensamento em direção à uma reciprocidade endogenamente determinada pelo trabalhador, como um processo natural em que o trabalho especializado decorre de uma consciência de que somos seres sociais e devemos compreender e buscar atender as necessidades sociais, respeitando as necessidades individuais (Steiner, 2018).

Então, historicamente, o trabalho voltado para atender as necessidades da sociedade veio por uma revolução nas atividades econômicas que praticamente determinou o desaparecimento dos antigos moldes de certa autossuficiência no processo produtivo. Mas o futuro alcance da consciência de que se trabalha para o outro e não para si deverá dar um peso diferente para o sentido da reciprocidade nas relações socioeconômicas. Dado que a reciprocidade está no nível das relações humanas, o ser humano é central no entendimento de como alcançar esta Economia saudável, principalmente em termos dos esforços necessários para a superação das ações motivadas por puro auto interesse e egoísmo.

Todo este raciocínio está relacionado com o que o filósofo Rudolf Steiner construiu, entre 1905 e 1925, de pensamento sobre os efeitos das forças sociais e antissociais que atuam no bem-estar da sociedade. Segundo esta visão, “o progresso social genuíno é possível somente se eu faço o meu trabalho a serviço de todos e a totalidade da comunidade me fornece o que eu preciso” (Lamb & Hearn, 2024, p. 26). Ou, “quanto mais a divisão do trabalho progride, tanto menos podemos fazer algo em proveito próprio; temos de fazer tudo em proveito alheio” (Steiner, 2018, p. 48).

Assim, a prosperidade da sociedade será maior na medida em que formos capazes de superar as forças antissociais do egoísmo (por exemplo, interesse próprio e ganância na vida econômica) e, ao invés disso, trabalhar a partir das forças sociais do altruísmo (por exemplo, cuidado e apoio mútuos).

Por isso, do outro lado do entendimento da necessidade de erradicar o egoísmo está a necessidade de entender como alcançar o altruísmo na Economia, independentemente de haver uma lei moral, religiosa ou ética acerca do altruísmo, ou até mesmo de um altruísmo por instinto. Pois a exigência do altruísmo foi dada por condições exteriores que fluíram para a área econômica mais rapidamente do que havia sido compreendido nos outros âmbitos. Basta ver que a palavra altruísmo mal existia a cerca de dois séculos, enquanto a palavra egoísmo é bem antiga (Steiner, 2018).

A ideia de altruísmo remonta à noção da fraternidade na Economia, apresentada por Steiner (2011), quando da compreensão do organismo social. Ela está contida na indicação de que o ideal social é a constituição de três esferas vitais e independentes: a vida cultural, a vida jurídico-política e a vida econômica. Essas esferas, formando o que Steiner chamou de Trimemoração Social, deveriam realizar-se lado a lado e de forma autônoma, de modo que todos tivessem direito à liberdade na vida cultural, à igualdade democrática na vida jurídico-política e a fraternidade social na vida econômica (ou seja, o altruísmo como mutualidade e solidariedade na vida econômica organizada de forma colaborativa).

Portanto, compreender o significado do altruísmo na Economia implica, inicialmente, estudar como resolver a contradição entre uma educação econômica pautada pelo estímulo à competição e pelo auto interesse smithiano e a exigência de admissão da reciprocidade decorrente da divisão do trabalho. Por essa razão, este estudo é importante porque contribui para a identificação de como a educação pode ajudar a tornar o ser humano propenso a agir de forma fraterna; e o que é necessário para ver as relações entre o altruísmo e o atendimento das necessidades sociais, pois trabalhar pelos outros é trabalhar com base nessas necessidades, como salientado por Steiner (2018).

Quando se menciona a relevância do estudo da contradição entre estímulo a competição auto interessada e a busca pela mutualidade no trabalho (cooperação) do ser social, o que se quer fazer é compreender o sentido prático da formação humana para o altruísmo e para a fraternidade dentro da premissa de que a humanidade busca, constantemente, alcançar o desenvolvimento econômico. Na área da Educação, a pedagogia que direciona explicitamente a formação dos estudantes para a busca da fraternidade econômica descrita aqui é a praticada nas escolas Waldorf, o que pode ser visualizado a partir da seguinte pergunta de seu fundador, Rudolf Steiner:

Como teremos que nos comportar diante das crianças se quisermos educá-las de maneira que, quando forem adultas, possam crescer com entusiasmo, no mais amplo sentido, para dentro dos âmbitos social (fraterno-econômico), democrático (igualitário-jurídico) e libertário (livre-cultural)? (Steiner, 2019, p.21)

Este questionamento feito aos educadores, no qual ele indica as três dimensões que produzem efeitos mútuos, tem sua solução relacionada com uma educação voltada para um entendimento específico de como se dá o desenvolvimento humano.

Começando pela compreensão do desenvolvimento na primeira infância, Steiner (2019, p. 22) norteia a educação colocando a pergunta acerca de qual a melhor maneira de se estruturar a vida da criança para que ela imite da melhor forma possível o seu entorno. Nesse âmbito é que se lançam as bases da liberdade humana, pois só é possível tornar-se livre, se, na infância, a criança tiver sido capaz de imitar o adulto com o qual ela convive. Nesse processo de imitação, ela realiza o fazer, seja participando das atividades da casa, seja brincando de faz de conta, enquanto a ela são providas suas necessidades básicas, seu bem-estar. Os adultos devem ser dignos de imitação por suas atitudes, sentimentos e pensamentos. Crescendo dessa forma, a criança vai educando a sua vontade em direção à autonomia, desenvolvendo habilidades motoras e formando hábitos saudáveis. Na primeira infância, essa força da imitação é a base da liberdade na vida adulta, sendo fundamental o brincar livre e não direcionado, permitindo que a criança elabore o que vive, aprenda a socializar-se e crie vínculos afetivos com os seres humanos e o meio que a circunda.

No segundo setênio do ser humano – ou seja, dos sete anos até a puberdade –, a memória da criança está mais disponível, a capacidade de representação e abstração estão prontas para o letramento, sua comunicação se aprimora e as emoções ganham uma intensidade bem pessoal. As atividades artísticas são um canal de elaboração das emoções e a beleza cria um ambiente de veneração. Os adultos aos quais ela se vincula são uma autoridade reconhecida pelos laços afetivos que se estabelecem, capaz de mediar e criar acordos, trazendo discernimento para que as relações sociais sejam justas e que atendam a todos da melhor forma. Nessa fase, tem-se a base para a igualdade, a justiça e a equanimidade sociais, que, segundo Steiner (2019), forma-se nesta etapa da vida humana.

No terceiro setênio, da puberdade até os 21 anos, os jovens elaboram sua visão de mundo, interessam-se por pessoas que realizam ações sociais, atuam em grupo, buscam referências que fazem sentido para si por cuidarem das questões sociais que percebem, colaborando na formação de seus ideais e escolhas profissionais. Essa fase é a base para a fraternidade na economia. Segundo Steiner,

A fraternidade na vida econômica somente estará nas almas humanas da maneira como deve ser almejada para o futuro, se a educação após os 15 anos de idade for estruturada de tal modo que se trabalhe com toda a consciência visando ao amor humano geral [...], no amor pelo mundo exterior em geral (Steiner, 2019, p.25).

Desses três níveis da referida Trimembração, pode-se dizer que a fraternidade na vida econômica (ou a educação para a solidariedade) é aquele que mais carece de aprofundamento diante do que se costuma ter de conteúdo bem difundido pelas teorias econômicas (Lamb & Hearn, 2014). Isso impõe um desafio, também, para os professores de Economia no sentido de trabalharem temas que forneçam condições de realizar modificações na consciência, no comportamento e na atuação dos chamados agentes econômicos, a ponto de serem capazes de no futuro, fazer acontecer tal fraternidade.

Tendo esse desafio em vista, o presente estudo objetivou investigar se a Pedagogia Waldorf favoreceu um comportamento socioeconômico fraterno na ótica dos ex-alunos de escolas Waldorf. Para responder a essa pergunta, na seção 2, foi feita uma breve revisão de literatura sobre o significado de fraternidade econômica dentro das premissas destacadas aqui. Na seção 3, apresenta-se a metodologia. Na seção 4, está a discussão dos resultados. E, na seção 5, estão as conclusões.

### **A literatura teórica sobre fraternidade**

A pesquisa sobre fraternidade em Escolas Waldorf normalmente está voltada para a questão da gestão escolar, dentro das associações escolares, pois esse modelo de escola normalmente é particular, sem fins lucrativos e segue um modelo de autogestão, dependendo, em grande parte, de uma ação colaborativa da comunidade escolar na garantia do direito à educação para todos. Desse modo, são estimuladas ações viabilizando o acesso por doações

financeiras, ou por um fundo, a fim de suplementar o orçamento escolar, ou mobilizando o trabalho voluntário pelo bem comum como prática de reparação das desigualdades socioeconômicas dos estudantes<sup>1</sup>.

Mas, neste estudo, o sentido da fraternidade econômica que se busca compreender como atuando nas escolas Waldorf diz respeito à educação para a fraternidade que se efetiva no terceiro setênio, nos moldes descritos na seção anterior. Dado que a fraternidade é entendida como básica para uma economia saudável, considerando que somos interdependentes, que nossas necessidades são atendidas pelo trabalho de outras pessoas e que dispomos de capacidades para colaborar, desenvolvendo habilidades que atendam a uma demanda social, é importante ver alguns exemplos de como a literatura considera o tema, para, depois, apresentar a visão de Steiner<sup>2</sup>.

Um ponto de partida seria primeiro saber a etimologia da palavra fraternidade. Segundo Pabst (2013), ela deriva do latim *frater*, ou irmão, e se refere a algum grupo ou associação constituída pelo sentido de irmandade, governados por laços de amizade e reunidos pela ajuda mútua entre seus membros. Diferentemente da solidariedade, que é impessoal e se refere a uma comunidade abstrata baseada na identidade, a fraternidade é interpessoal e enfatiza a diversidade entre iguais baseada na diferenciação e, desta forma, depende do princípio da reciprocidade ligado com obrigações mútuas. Fraternidade configurada desta forma é uma “família artificial” que diferencia a si mesma de outros arranjos civis e sociais, em razão de distintos Ethos (conjunto de hábitos ou crenças, o caráter moral), que são obrigatórios para os seus membros. Ou seja, a prática da fraternidade dá origem a uma comunidade genuína cujos laços de reciprocidade não são baseados em laços de sangue (familiares) e profissionais. Desse modo, fraternidade não cabe a um pequeno grupo, mas é parte de um conjunto mais amplo de relações recíprocas no campo da sociedade civil, cuja marca é o senso comum de assistência mútua.

Pabst (2013) explica, ainda, que fraternidade – como uma intencionalidade comunal e também um conjunto de instituições e práticas – pode incorporar o econômico no social. Apesar das diferenças fundamentais, os exemplos históricos do entendimento da fraternidade têm um número de características-chaves em comum: grupos fraternos são unidos por laços de amizade, oferecendo e provendo um suporte mútuo aos membros, de acordo com os princípios e as práticas de dever recíproco que asseguram igualdade e diversidade. Os exemplos práticos que cita o referido autor e que seguem os princípios de reciprocidade e mutualidade são as políticas de incentivo de bancos mútuos, instituições de crédito local e fundos de investimento baseados na comunidade<sup>3</sup>. Seria uma economia civil, nem de livre mercado nem estatista, baseada nas relações humanas de mutualidade e reciprocidade.

Bruni e Sugden (2008), por sua vez, reconstroem um entendimento alternativo das interações de mercado, assimilando-as a uma classe mais ampla de relações recíprocas na sociedade civil, cuja orientação é caracterizada pela fraternidade. Os autores apresentam uma descrição desse conceito comparando as ideias de Adam Smith com seu contemporâneo menos conhecido, Antônio Genovesi, pois ambos buscavam entender as forças sociais por trás do surgimento e do crescimento das sociedades comerciais. As relações de mercado são fraternas para Genovesi em um sentido diverso de Smith<sup>4</sup>, pois, para o primeiro, uma relação de mercado entre indivíduos pode ser percebida simultaneamente como uma troca mutuamente benéfica e como uma interação genuinamente social. Segundo Bruni e Sugden (2008), Genovesi indica que a fraternidade não se trata essencialmente de comportamento ou preferência, mas de uma maneira de perceber um relacionamento. Ela é uma orientação moral específica em relação a uma classe de relacionamentos e uma atitude que leva em conta o outro. Nesta visão, é possível perceber um comércio como fraterno sem sentir altruísmo em relação ao parceiro comercial, porque as relações de mercado estariam pautadas pelo raciocínio de equipe e intencionalidade coletiva. Nesse caso, a ideia essencial é que a reciprocidade seja um vínculo da sociedade e que, embora ela assuma várias formas, todas elas se reforçam mutuamente. Em sua análise do mercado, Genovesi coloca grande ênfase na importância da confiança do público. Para que uma sociedade comercial funcione, ele argumenta, deve haver um sentimento geral de confiança na intenção de todos de honrar contratos e evitar fraudes, dada a eficácia e a integridade do sistema legal. Assim, nessa ótica, a fraternidade econômica seria dependente da garantia da igualdade dos direitos institucionalizados no campo jurídico.

Dada a relação da fraternidade econômica com o campo do direito, no caso da constituição brasileira, segundo Lazzarin (2015), o princípio da fraternidade está proposto não apenas como uma meta ideal, mas também como princípio ativo, norteador do comportamento humano. O autor também afirma que a fraternidade é um princípio que está na origem de um comportamento relacional, mas ressalta ser ela capaz de tornar os princípios da liberdade e da igualdade efetivos. No campo do direito, a fraternidade seria uma terceira fase na evolução do constitucionalismo, do liberal para o social e do social para o fraternal. Pelo princípio da solidariedade expresso na Carta Constitucional, é possível identificar a ideia de fraternidade: a solidariedade não é atributo específico ou restrito à ação do Estado e a solidariedade não pode ser reduzida ao preceito de não prejudicar os outros. Mais do que isso, ela orienta a liberdade de modo mais vinculativo, no sentido de que o indivíduo deve fazer o bem ao

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, Bredariol (2021).

<sup>2</sup> Existem muitos trabalhos que tratam ou são base para o tema fraternidade, que não serão todos revistos por fugir do escopo deste trabalho. Ver, por exemplo, Kolm e Ythier (2006).

<sup>3</sup> Na nova sociedade de informação, podem-se citar as formas de cooperação desinteressadas, como as plataformas de acesso aberto.

<sup>4</sup> De que cada um trabalhando para si melhora a situação de todos.

outro, porque é também o seu bem. Apesar de ser compreensível a dificuldade de incluir a fraternidade como categoria jurídica constitucional, em razão de ser entendida como um agir espontâneo e destituído de coatividade, esta, como princípio, inspira e norteia o conjunto de normas, além de apresentar, também, um importante critério interpretativo dessas mesmas normas. No Brasil, de forma embrionária e contida, já se encontra a fraternidade como fundamento e valor constitucional nas decisões dos tribunais.

Steiner (1905), por sua vez, volta-se para o ser humano e seu processo evolutivo para apresentar o caminho para a busca moral da fraternidade, que, na sua visão, representa um grande ideal que penetra a humanidade. Ele identifica esta dicotomia entre a luta pela existência (sobrevivência) que encontramos na vida, a cada passo, aonde quer que vamos, e a busca pela fraternidade fundada no altruísmo geral, sem diferença de sexo, profissão, confissão etc. Para o filósofo austríaco, a fraternidade é apenas o fruto mais nobre do conhecimento profundo e mais íntimo do ser humano. No entanto, ele ressalta que algo no sentido oposto se aproximou da humanidade: a força progressiva da luta. Reconhece que um certo individualismo deve existir para desenvolver as disposições de empreender na vida, porque a iniciativa está ligada ao egoísmo, mas, quando isso ultrapassa o nível saudável, caminha para a competição prejudicial.

Em suas palavras, ele pergunta quantas vezes ouvimos dizer que as forças humanas crescem com a resistência e que o ser humano adquire força de vontade e iniciativa intelectual porque deve medir sua força com um adversário. Steiner (1905) ressalta esse contexto humano dentro de certas concepções econômicas que consideram a competição geral na luta de todos contra todos como uma poderosa alavanca de progresso. Traz, ainda, a ideia de que essas concepções fazem acreditar que a humanidade pode progredir melhor com tudo que o ser humano individualmente se beneficia e estabelece sua posição tanto quanto possível. Ou seja, individualismo tornou-se quase uma palavra de ordem, reconhecida mais na vida material externa do que na vida do pensamento, do sentimento e da vontade interior do ser humano. Há, então, a ideia de que o ser humano beneficia mais seus semelhantes se obtiver o máximo possível economicamente da vida, porque, ao se tornar economicamente forte, também pode ser mais útil ao público: esse é o credo de muitos economistas e sociólogos. Mas Steiner (1905) traz, também, o reconhecimento de que, por outro lado, há vertentes que enfatizam que o ser humano não deve se tornar estereotipado, mas, de fato, desenvolver as forças universais que nele residem, aproveitar a vida de todo o coração, desenvolver o que está em seu interior e, assim, beneficiar, principalmente, seus semelhantes. Nessa perspectiva, há o reconhecimento de que é possível estabelecer relações humanas em prol do bem comum. Entretanto, o fundador da antroposofia aponta para o fato de que, apesar de as pessoas verem as relações jurídicas pairando sobre a vida moral conscientes do que é bom, certo e adequado, elas trazem isto para a vida prática em um contexto em que a vida cultural e anímica se desenvolve cada vez mais sob os princípios racionais.

O fato de se dizer que é necessário desenvolver o sentido de fraternidade implica compreender como o ser humano deve trabalhar para alcançá-lo. Para Steiner (1905) aquele que não se deixar ser conduzido, nem permitir que imagens do ambiente trabalhem sobre si mesmo, mas souber se voltar para seu interior, no qual estão as molas propulsoras das forças de vontade, irá se tornar um ser humano forte e mais capaz de servir aos outros do que alguém que cumpre toda a influência possível de seu entorno. Apesar de esse princípio necessário para o ser humano poder ser elaborado, ele só dará o fruto certo se for combinado com o princípio do amor fraterno.

O exemplo que Steiner dá desse princípio, de todos os modelos de cooperação de seres individuais na natureza, está no corpo humano, onde existem milhões e milhões de células independentes individuais e nenhuma afirma sua individualidade egoisticamente. Também sinaliza a admirável ferramenta do pensamento, o cérebro, igualmente formado por milhões de células sutis e todas elas trabalham harmoniosamente umas com as outras. O que a cooperação dessas pequenas células causa, o que faz com que um ser superior seja expresso dentro desses pequenos seres vivos, é, segundo Steiner (1905), a alma humana. No entanto, ela nunca poderia atuar, a menos que esses milhões de pequenos seres desistissem de sua individualidade e servissem a ela. A alma vê com as células do olho, pensa com as células do cérebro e vive com as células do sangue. Aí vemos o que significa união: a possibilidade de que um ser superior se expresse pelos constituintes unidos, o que, por sua vez, é um princípio geral da vida.

Seguindo esse raciocínio, o antropósofo austríaco menciona a semelhança entre viver no coletivo e a convivência das células: viver juntos e viver uns nos outros dos seres humanos significa algo bastante semelhante ao viver uns nos outros das células do corpo humano. Um novo ser superior está presente quando dois ou três se encontram, pois algo bastante novo se origina da união, caso o ser humano único viva no outro e não obtenha sua força apenas de si mesmo, mas também do outro. Para tanto, é preciso viver altruisticamente no outro, na busca de um amor fraterno entre seres que trabalham por esta união, em que se substitui a luta pela existência por esse princípio de fraternidade em todos os campos. Nas palavras de Steiner (1905), temos que aprender a substituir a luta pelo trabalho positivo, a substituir a guerra pelo ideal de fraternidade e pelo trabalho positivo, pois, normalmente, a ênfase é na luta social, na luta pela paz, na luta pela emancipação, na luta pela terra etc. Já na busca pelo trabalho positivo, não se deve impor sua opinião, mas aquilo que ele deduz olhando para seus coirmãos, pela pesquisa sobre os pensamentos e sentimentos dos semelhantes. Alguém que trabalha desta forma é capaz de entender que nossas melhores forças surgem da união, que não é um princípio abstrato e deve ser alavancada em todos os momentos da vida. Esse esforço imaginativo das forças da vida e de compreensão do semelhante é a

capacidade de desenvolver a fraternidade de que precisamos para o mundo. Por isso, devemos experimentar exercitar ser tolerantes no sentido de prestarmos atenção, também, à liberdade de pensamento de outras pessoas. Como enfatiza o referido autor, há um reconhecimento social de que é grosseria afastar o outro de seu lugar, no entanto, se isso é feito em pensamentos, normalmente não se considera tal atitude errada. Mesmo havendo um senso comum e uma fala de apreciação da outra opinião, no entanto, não estamos inclinados a aplicar isso a nós mesmos.

Nesse sentido, Steiner (1905) indica um caminho prático para o início da atitude fraternal: devemos suprimir nossa opinião para ouvir o outro completamente, não apenas a palavra, mas até mesmo a emoção, sem nos movermos por sentimentos de simpatia ou antipatia. Claro que a humanidade está bem distante de tal princípio de fraternidade, mas podemos nos educar para enviar pensamentos de amor e amizade aos demais. Para tanto, é preciso reconhecer que o pensamento é uma força tão grande quanto a onda elétrica que sai de um aparelho e flui para o aparelho receptor, o que ajuda a compreender melhor o princípio da fraternidade. Com isso, a consciência comum se torna, pouco a pouco, mais distinta e, então, prática.

Em resumo, o autor sugere que a luta pela existência deve ser transformada com nossa cooperação, ao trabalharmos em nossa alma o sentido do amor fraternal, o que beneficia a humanidade, principalmente porque beneficiamos a nós mesmos. Comparando com uma parte do corpo separada do todo, a alma humana perde sua essência caso se separe da sociedade humana. Steiner indica com isso que iremos desenvolver nossos talentos se vivermos em uma comunidade fraterna, mantendo a comunhão com nós mesmos até que aquilo que cria raízes no todo se torne fruto. A fraternidade torna o ser humano mais forte na luta pela existência e ele encontrará a maior parte de suas forças no silêncio de seu coração, se desenvolver toda a sua personalidade e individualidade junto com os outros irmãos humanos. Assim, um talento e um caráter se formam no silêncio do individual e, com eles, todo o ser humano e toda a humanidade se formam na corrente perpétua do mundo.

Tendo, portanto, visto alguns aspectos centrais do sentido que a literatura indica para a fraternidade na Economia e nas relações humanas, na seção seguinte apresenta-se a metodologia implementada no trabalho, a fim de alcançar o objetivo de investigar se alunos que foram expostos à Pedagogia Waldorf, baseada nos princípios de fraternidade propostos por Steiner, estão a caminho de uma atuação mais fraterna, em termos socioeconômicos.

## Material e método

Inicialmente, para conseguir a informação sobre a fraternidade entre os estudantes das escolas Waldorf, foi realizada uma pesquisa de levantamento de dados primários com a aplicação de um questionário para obter o escore de identificação com o ideal de bem comum como uma proxy para a fraternidade econômica. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, foi realizada a aprovação no conselho de ética da UFJF em 2/9/2023. Este questionário original foi adaptado do questionário de autoavaliação que já existe na organização denominada “Economia para o Bem Comum (ECG)”, que tem por objetivo um modelo econômico que busca o Bem Comum em um planeta saudável<sup>5</sup>. No centro desse conceito está a ideia de que as empresas e as pessoas estão orientadas por valores e estão atentas e comprometidas com a dignidade humana, a solidariedade, a justiça social, a sustentabilidade ecológica, a participação democrática, sendo considerados aqui bons indicadores de ações e sentimentos de mutualidade, reciprocidade e fraternidade socioeconômica (Anexo).

O questionário aplicado foi traduzido e constou de perguntas que tiveram uma pontuação de acordo com o questionário original, cujos valores finais dos escores foram obtidos para efeitos de estimação do modelo econométrico que relaciona as variáveis  $\text{Escore de Fraternidade} = f(\text{Idade, Sexo, Anos de escola Waldorf})$

O referido escore como indicador de fraternidade socioeconômica foi obtido com base na pontuação para cada pergunta contida no questionário original e normalizado para o intervalo 0 a 100, com números inteiros, que são passíveis de serem inseridos no modelo econométrico descrito mais à frente<sup>6</sup>. Os sinais esperados, indicando as premissas das relações esperadas entre cada variável desta função e o parâmetro de fraternidade (escore) são: indefinido para idade e para sexo; e positivo para anos de escola. Isto porque se parte da premissa de que mais tempo de exposição à Pedagogia Waldorf aumentaria este escore. As duas outras variáveis seriam indefinidas nos sinais esperados, porque não se tem conhecimento de base teórica para afirmar a priori se idade ou sexo favorecem ou não este aumento de escore. Essas seriam, então, apenas variáveis de controle.

Tal levantamento de dados primários baseou-se na amostragem por acessibilidade, denominada Bola de Neve, em que se utilizam os respondentes iniciais para identificar outras pessoas que poderão integrar a amostra (Gil, 2021). Esse tipo de amostragem é muito útil para processos de amostragem em que os integrantes são difíceis de identificar, como na presente pesquisa, em que a Lei de Proteção aos Dados impede que as próprias escolas informem sobre os ex-alunos. Os questionários foram aplicados entre os meses de janeiro a março de 2024, a partir de primeiros contatos em grupos de redes sociais nos quais ex-alunos das escolas Waldorf Paineira (de Juiz de

<sup>5</sup> Ver o autoteste de valores de bem comum que consta em <https://www.ecogood.org/get-involved/impact-test/>

<sup>6</sup> Para contornar o problema de escores negativos.

Fora, com um Ensino Médio instituído em 2019) e Waldorf Rudolf Steiner (com Ensino Médio pioneiro no Brasil, instituído em 1970) estavam presentes. Aos que atendiam as solicitações de participação, foi requisitado que indicassem outros ex-alunos que pudessem participar. No total, obtivemos 84 respostas, quando, de início, estimávamos um tamanho amostral de cerca de 210 entrevistados, considerando o universo de ex-alunos de Ensino Médio dessas duas escolas.

A partir de tais informações, a primeira etapa consistiu em fazer uma análise descritiva dos dados obtidos com os questionários. Na segunda etapa, partiu-se para uma formalização econométrica da relação entre o escore obtido no levantamento de informações do questionário (notas obtidas na resposta do questionário ou formulário) e as variáveis explicativas, como os dados de idade dos indivíduos, os anos em que estudaram na escola que aborda a pedagogia Waldorf e a *dummy* de sexo (homem ou mulher), como descrito anteriormente.

Para esta etapa da análise econométrica, foi adotada a abordagem de modelo de eventos discretos (*Counts Models*) com o emprego do Modelo de Regressão de Poisson. Segundo Greene (1993, p. 937), o modelo de Poisson impõe uma pressuposição de restrição, que é a igualdade da média e variância condicionais. Quando essa pressuposição de igualdade é rejeitada, o modelo está mal especificado. Assim, quando o modelo de Poisson apresenta a *overdispersion* dos resíduos, utiliza-se, para a estimação dos parâmetros do modelo, a especificação da *maximum likelihood* da distribuição binomial negativa. Nessa parte, empregou-se o Software R para análise da regressão de Poisson, para o teste de *overdispersion* e na confirmação dessa pressuposição para estimar o modelo de distribuição binomial negativa. Na seção seguinte, são analisados os resultados da tabulação dos dados e do modelo de regressão.

### Análise dos Resultados

A maioria das respostas da amostra ocorreu entre ex-alunos de 18 a 24 anos, sendo o segundo maior grupo de pessoas entre 53 e 59 anos (Tabela 1). A amostra esteve bem balanceada em termos de proporção de homens e mulheres, com 55% de ex-alunos pertencentes a este último subgrupo (Tabela 2).

Tabela 1 – Distribuição de idade na amostra

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	PERCENTUAL
18-24	26	31%
25-31	9	11%
32-38	9	11%
39-45	7	8%
46-52	10	12%
53-59	19	23%
60+	4	5%
TOTAL	84	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 – Percentual de homens e mulheres na amostra

CLASSIFICAÇÃO	QUANTIDADE	PERCENTUAL
Masculino	38	45%
Feminino	46	55%
TOTAL	84	100%

Fonte: Dados da pesquisa

Na análise das respostas, um primeiro resultado é que a maioria dos entrevistados se percebe como seres humanos únicos e reconhecem isso nos demais (82%) e identifica que tenha defendido plenamente o respeito pela dignidade humana nas instituições sociais e econômicas (71%). Entretanto, menos da metade dos entrevistados acreditam que moldem as relações humanas de maneira plenamente consciente (48%), percentual que segue o mesmo padrão para o caso de identificarem uma comunicação plenamente consciente com outras pessoas (49%) (Tabela 3). Ou seja, essa diferença pode representar, para alguns entrevistados, uma distância entre o que se pensa e o que se faz em termos de atuação social, pois a ação e a relação consciente em sociedade é condição necessária para se perceber o outro ser humano e atuar em favor dos direitos humanos.

Tabela 3 – Sobre as relações humanas

TEMAS	NÚMERO DE EX-ALUNOS WALDORF QUE DISSERAM SIM (MAIOR NÍVEL DE CONVICÇÃO)	%
Autoidentificação e apreço como ser humano	69	82
Identificação e apreço pelas pessoas como seres humanos únicos	70	83
Relações humanas conscientes	40	48
Comunicação consciente	41	49
Defesa e respeito pela dignidade humana	60	71

Fonte: Dados da pesquisa

Sobre as indicações de relações econômicas de ex-alunos Waldorf (Tabela 4), tem-se que: primeiro, em termos de doação e ajuda desinteressada, ela ocorreu integralmente (resposta sim) para 67% dos entrevistados, mantendo-se praticamente nesse patamar para o caso de bens materiais, tempo e/ou conhecimento doados pensando na necessidade alheia (79%), mas reduzindo um pouco no caso do aceite de recebimento de algo (73%). Ou seja, quando a atuação mais fraterna é dependente do indivíduo, a atuação é relativamente alta. Quando se observa o consumo plenamente consciente de bens e serviços sustentáveis, este alcança somente 31% dos entrevistados, apesar de 87% destes saberem que isto afeta o meio ambiente. As respostas de economia de energia elétrica indicam que 45% dos entrevistados implementam ações de economia de energia, mas somente 20% utilizam meios de transporte ecológicos. Provavelmente, muito desta escolha, por depender de fatores alheios ao indivíduo, como a questão de disponibilidade tecnológica, viabilidade geográfica etc., faz com que este indicador destoe em magnitude de atuações desinteressadas de doação e ajuda (menos de 50% contra mais de 50%). O mesmo aspecto, de capacidade de controle individual um tanto restrita, provavelmente ocorre em termos de inspirar outras pessoas a se comportarem de maneira ecologicamente sustentável, de forma que somente 23% atuaram incisivamente (disseram sim) nessa direção. E as respostas sobre relações de troca justa também não estiveram nos limites superiores, visto que 64% afirmaram categoricamente que isso tenha ocorrido. Em termos de uma ação de compartilhamento dos bens e uso destes para o bem comum, somente 30% afirmou que atua nesse sentido. Quando a pergunta foi em termos de renúncia consciente a comportamentos de avareza e ganância por lucro, 58% afirmaram que atuaram de forma condizente (Tabela 4).

Tabela 4 – Sobre as relações econômicas e os impactos ambientais

TEMAS	NÚMERO DE EX-ALUNOS WALDORF QUE DISSERAM SIM (MAIOR NÍVEL DE CONVICÇÃO)	%
Doação e ajuda desinteressada	56	67
Doação de tempo e conhecimento/dinheiro/bens	66	79
Aceite com gratidão do tempo e conhecimento/dinheiro/bens	61	73
Consumo adequado de produtos e serviços sustentáveis	26	31
Consideração dos hábitos de consumo no meio ambiente	73	87
Economia de energia elétrica	38	45
Uso de meios de transporte ecológicos	17	20
Inspiração de outras pessoas	19	23

na questão ecológica		
Atividades de troca honesta	54	64
Compartilhamento de posses com outras pessoas	25	30

Fonte: Dados da pesquisa

Em resumo, os indicadores de fraternidade econômica desse grupo são fracos para escolhas que envolvem processos coletivos, como um sistema produtivo independente de energias não renováveis, um consumo consciente de bens e serviços sustentáveis ou envolvimento em uma economia do compartilhamento. Mas há uma melhora relativa dos indicadores econômicos de fraternidade que envolvem escolhas individuais em torno de movimentos de doação e ajuda desinteressada e renúncia por comportamentos de avareza e busca de lucro.

Em termos de atuação política e social (Tabela 5), as respostas indicaram que um pouco mais do que a maioria demonstra e expressa as próprias ideias (55%), porém, a minoria foi bem menos incisiva no que diz respeito à demonstração inequívoca de solidariedade (somente 37%). As respostas em termos da defesa da divisão justa dos direitos e deveres em sociedade não ocorreram categoricamente para a maioria dos entrevistados (39%), mas cresceu quando se perguntou sobre a ocorrência da defesa pública de uma sociedade justa (57%).

Quando perguntados sobre a própria consciência da soberania como cidadão(ã) e se formam e seguem a própria opinião, 54% e 55% respectivamente responderam com convicção que sim. No quesito acerca do envolvimento em formas contemporâneas de comunicação e tomada de decisão, as respostas estritamente positivas foram um pouco mais da metade, 61%. E em termos de contribuição para uma melhor compreensão da democracia, 51% afirmaram que o fazem com convicção e 61% dos entrevistados participaram em algum evento voltado para o bem-estar social.

Assim, todos os percentuais de atuação político-social ficaram em torno de valores médios, com exceção de defesa dos direitos e deveres sociais que indicaram concordância em percentuais de concordância estrita abaixo dos 40%, indicando menor força de atuação político-social desse grupo de entrevistados do que de relações econômicas e humanas. Isto pode ser fruto da atual ruptura entre os entes políticos, que polarizou a discussão e atuação política entre movimentos de esquerda e direita no país. Acredita-se que essa polarização pode comprometer um dos principais comportamentos para a instituição da fraternidade econômica, que é o sentimento de confiança, como indicado na revisão de literatura.

Tabela 5 4 – Sobre a atuação política e social

TEMAS	NÚMERO DE EX-ALUNOS WALDORF QUE DISSERAM SIM (MAIOR NÍVEL DE CONVICÇÃO)	%
Coragem moral e liberdade de expressão	46	55
Solidariedade	31	37
Divisão justa entre direitos e obrigações	33	39
Defesa pública de uma sociedade justa	48	57
Consciência da soberania como cidadão(ã)	45	54
Formar e seguir a própria opinião	46	55
Formas contemporâneas de comunicação e tomada de decisão	51	61
Contribuição para uma melhor compreensão da democracia	43	51
Participação em eventos voltados para o bem-estar da sociedade	51	61

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à análise econométrica descrita na seção anterior, os resultados estão reportados na Tabela 6. Pelo modelo de Poisson estimado, observa-se um intercepto estatisticamente significativo a 1%, com valor de 4,23. Este coeficiente pode ser interpretado como o efeito médio quando todas as outras variáveis explicativas não explicam o escore (são zero). Ao transformar para a escala original (0-100), encontramos que, em média, 69% do

escore dos questionários (no modelo Poisson e cerca de 68% no modelo Binomial Negativo) devem-se a outros fatores que não os reportados no vetor de variáveis explicativas. Para as variáveis idade e anos de estudo Waldorf, os coeficientes não foram estatisticamente significativos. Porém, para a variável dummy sexo, o coeficiente foi estatisticamente significativo e com sinal positivo, de forma que uma interpretação é que as mulheres possuem escores 8,85% (e 8,95% no modelo Binomial) maiores (soma das respostas no questionário) do que os escores homens. Dessa forma, pode-se inferir um maior indicador de fraternidade econômica por parte das mulheres neste grupo. O p-valor indica que este coeficiente é significante estatisticamente a 1% e 5% nos modelos de Poisson e Binomial Negativo, respectivamente.

Tabela 6 – Estimativas

VARIÁVEL	MODELOS	
	POISSON	BINOMIAL NEGATIVO
Intercepto	4,233036***	4,230731***
Idade	0,001239	0,001312
Dummy Sexo	0,088495***	0,089517*
Anos de Estudo Waldorf	0,001867	0,001776
Graus de liberdade	82	82
AIC	725.1	685,7

\*\*\*, \*\*, \* correspondem ao nível de significância estatística a 1%, 5% e 10% respectivamente.

Fonte: Cálculos da pesquisa

Por fim, os resultados dos modelos Poisson e Binomial Negativo foram similares em termos de magnitude, sinal e significância dos coeficientes. Porém, o teste de *overdispersion* realizado no *Software R* (que identifica se está sendo atendida a pressuposição de igualdade da média e variância no modelo de Poisson) revelou que há a ocorrência desse problema, ou seja, não atende a essa pressuposição. Portanto, o mais adequado é considerar a referência do modelo Binomial Negativo para a análise, mesmo que isso não altere os resultados analisados até aqui (Tabela7).

Tabela 7 - Teste de *Overdispersion* do modelo de Poisson

TESTE	VALOR
Taxa de dispersão	2,389
Person's Chi-Squared	188,728
p-valor	0,001

Fonte: Cálculos da pesquisa a partir da rotina *check overdispersion(poisson)* do R

Dada a presente análise dos resultados empíricos, na seção seguinte são apresentadas as conclusões do estudo e feitas as indicações de melhoria para trabalhos futuros.

## Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi investigar se a Pedagogia Waldorf favoreceu um comportamento socioeconômico mais fraterno na ótica dos ex-alunos de escolas Waldorf. Os resultados descritivos dos dados dos entrevistados não nos permitem afirmar que os egressos destas escolas sejam classificados como pertencendo a um grupo que se destaca por possuir fraternidade econômica. Pois, primeiro, sobre as relações humanas, para alguns entrevistados, há possivelmente uma distância entre a intenção e a ação em termos de atuação social.

Em segundo lugar, para o caso das relações econômicas, os indicadores de fraternidade desse grupo de entrevistados são fracos para escolhas que envolvem processos coletivos, como escolhas em um sistema produtivo independente de energias não renováveis, um consumo consciente de bens e serviços sustentáveis ou envolvimento em uma economia do compartilhamento. Mas há uma melhora relativa dos indicadores econômicos de fraternidade que envolvem escolhas individuais em torno de movimentos de doação, ajuda desinteressada e renúncia por comportamentos de avareza e busca de lucro.

Em terceiro lugar, os dados indicaram menor força de atuação político-social desse grupo de entrevistados do que de relações econômicas e humanas, o que pode ser fruto da atual ruptura entre os entes políticos, que polarizou a discussão e a atuação política entre movimentos contemporâneos diametralmente opostos no país.

A hipótese central do modelo econométrico, de que os anos de estudo na escola Waldorf são positivamente correlacionados com o nível de fraternidade econômica dos ex-alunos, não se confirmou nos modelos e em todas as variáveis sob estudo neste trabalho. Porém, no grupo em estudo, há maior probabilidade de as mulheres revelarem um comportamento fraterno.

Para estudos futuros, a sugestão de aprimoramento é no sentido de buscar aumentar o tamanho da amostra e o período de tempo para a coleta dos dados primários; inserir mais variáveis explicativas, de controle, como alunos

de outras formações pedagógicas; rever o conteúdo do questionário para identificar onde ele pode captar mais diretamente o sentido de fraternidade considerado por Rudolf Steiner, que envolva a capacidade de desenvolver uma relação social pautada por um movimento de observação e escuta do outro, sem sentimentos prévios de simpatia ou antipatia (o que melhoraria os indicadores sociais e políticos). E, também, reunir informações mais acuradas sobre a capacidade de as pessoas expostas à pedagogia Waldorf trabalharem para o outro e para atender às necessidades sociais.

## Referências

- Bredariol, T. de M. (2021) *Dos nós aos Nós: seguindo os efeitos da autogestão em uma escola Waldorf em rede*. 146 p. (Tese de Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. doi:
- Gil, A.C. (2021) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas. doi:
- Greene, W. H. (1993) *Econometric Analysis*. 2.ed. New York: Macmillan. doi:
- Kolm, S. C. & Ythier, J.M. (Eds) (2006). *Handbook of the Economics of Giving, Altruism and Reciprocity*. Amsterdam: North Holland. doi:
- Lamb, G. & Hearn, S. (2014) *Steinerian Economics: a compendium*. New York: Adonis Press, 2014. doi:
- Lazzarin, S.K. (2015) O princípio da fraternidade na Constituição Federal Brasileira de 1988. *Direito & Justiça*. 41(1), 92-99, jan-jun. doi:
- Pabst, A. (2013) Fraternity. In: Bruni, L.; Zamagni, S. (Eds). *Handbook on the Economics of Reciprocity and Social Enterprise*. Camberley: Edward Elgar, pp. 153-162. doi
- Steiner, R. (1905) *Os enigmas do mundo e a antroposofia: a fraternidade e a luta pela existência*. GA 54 (tópico VIII). Berlim, 23 de novembro (tradução livre). Disponível em: <http://rsarchives.com>. Acesso em: 10/01/2024. doi
- Steiner, R. (2011) *Os pontos centrais da questão social: aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade*. São Paulo: Antroposófica. doi
- Steiner, R. (2018) *Economia viva: o mundo como organismo econômico único (catorze conferências proferidas em Dornach, Suíça, de 24 de julho a 6 de agosto de 1922)*. 4. ed. São Paulo: Antroposófica. doi
- Steiner, R. (2019) *A questão pedagógica como questão social: os fundamentos sociais, histórico-culturais e espirituais das Escolas Waldorf*. 2. ed. São Paulo: Antroposófica. doi

## Informações sobre os autores

**Autor 1:** Professora de economia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Doutorado em economia matemática (PIMES/UFPE). Pós-Doutorado em educação e economia (UFTM).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2950-3854>  
E-mail: [silvinha.vasconcelos@ufjf.br](mailto:silvinha.vasconcelos@ufjf.br).

**Autor 2:** Professor de filosofia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Doutorado em educação (UFPR e Alanus Hochschule). Pós-Doutorado em fenomenologia da performance musical (USP). Pós-Doutorado em fenomenologia de Goethe (Unicamp).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6704-4065>.  
E-mail: [jonas.bach@uftm.edu.br](mailto:jonas.bach@uftm.edu.br)

**Autor 3:** Professora do curso de Graduação em Pedagogia pela Faculdade Rudolf Steiner. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente bolsista Stricto Sensu da Universidade Brasil, SP. Diretora do Instituto Maiana.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3474-9434>.  
E-mail: [mbaseio@uol.com.br](mailto:mbaseio@uol.com.br)

**Autor 4:** Graduando em economia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Intercambista na Temple University, Philadelphia. Bolsista da Fapemig, Bolsa Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (BDCTI) VI, no Projeto APQ-00463-23.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2591-1393>

E-mail: [ruanpablo.rodrigues@estudante.ufjf.br](mailto:ruanpablo.rodrigues@estudante.ufjf.br)